

# **O amor de Deus pelo seu povo nas profecias de Jeremias: um Deus que se coloca ao lado do oprimido (Jeremias 31,1-9)**

## **God's love for his people in Jeremiah's prophecies: God is on the side of the oppressed (Jeremiah 31,1-9)**

**Gabriel de Moura Lima<sup>1</sup>**

### **Resumo**

O presente artigo busca refletir sobre a experiência do Deus bíblico, um Deus que se compadece e ama ternamente seu povo, subjugado e oprimido, e o reconstrói para ser comunidade fraterna e celebrativa conforme Jeremias 31. Jeremias profetiza como Deus se coloca em favor do oprimido e anuncia a restauração de Israel após o cativeiro, para que o povo experimente o amor fiel de Deus na comunidade de irmãos e todos aprendam o caminho da solidariedade. Estudando o texto de Jeremias 31,1-9 percebe-se a situação de opressão do povo de Deus, mas também o anúncio da novidade de um Deus que se abaixa até o caído, e após a experiência do cativeiro, quer levar a uma restauração como comunidade fraterna e celebrativa e deduzir deste evento, em que Deus se mostra tão próximo, como caminhar no compromisso solidário junto aos mais fracos. Primeiramente vai-se estudar no livro do profeta Jeremias o tema da restauração, analisando a perícopes Jeremias 31,1-9. Então, poder-se-á perceber a ação amorosa de Deus proclamada pelo profeta como uma escolha divina de se colocar ao lado de quem está caído e subjugado. Através de uma atenta hermenêutica do texto contemplar-se-á, na novidade anunciada pelo profeta, a atualidade da ação de Deus, que nos quer participantes desta sua divina solidariedade com os oprimidos da história.

### **Palavras-chave**

Cativeiro. Restauração. Solidariedade. Profeta Jeremias.

### **Abstract**

This article aims to reflect on the biblical experience of God, who has mercy and tenderly loves his subjugated and oppressed people and rebuilds his community to be fraternal and celebratory as we can see in chapter 31 of Jeremiah. The prophet announces that God defends the oppressed and desires the restoration of Israel, after the captivity in Babylon, so that the people experience the Lord's faithful love in the community and everyone learns the path of solidarity. Studying Jeremiah 31,1-9 we can perceive the oppression that God's people suffer, but also the announcement of the newness of God who leans over the fallen person, and after the experience of captivity, wants to lead to restoration as a fraternal community and the from this event, where God shows his closeness, people can walk committed to the weakest. Firstly, we will study the theme of restoration in the book of Jeremiah and analyze the pericope Jeremiah 31,1-9. After this, we can perceive God's loving action, which the prophet proclaims as a divine choice when he places himself on the side of the one who is fallen and subjugated. Thus, through a hermeneutic approach to the text, we will contemplate in this unprecedented announcement by the prophet, the current action of God who wants to make us people who share his divine solidarity with the oppressed in human history.

### **Keywords**

Captivity. Restoration. Solidarity. Prophet Jeremiah.

---

<sup>1</sup> Mestre e bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: [freigabriel@hotmail.com](mailto:freigabriel@hotmail.com).

## INTRODUÇÃO

Estudar o profeta Jeremias é se aproximar de um especial personagem bíblico, de um incompreendido e perseguido profeta, mas sobretudo refletir sobre a mensagem de um Deus apaixonado por seu povo que quer a todo o custo salvá-lo. Por isso, é também se dar conta de uma história de amor. Em muitos momentos, a linguagem da sedução amorosa envolve como num abraço helicoidal a trama da vida, da profecia e de toda a missão do profeta e o povo ao qual Deus se dirige. Especialmente podemos notar isso em Jeremias 1, 4-10; mas de modo envolvente podemos, sobretudo, mergulhar nessa paixão entre Deus e o ser humano em todo o capítulo 20. E paralelamente ao encadeado de atração, recusa, e posterior entrega, na aventura amorosa da trama de Jeremias, dá-se a estória principal, ou melhor, o drama central: um Deus eternamente apaixonado por seu povo, que quer o tempo todo salvá-lo da morte e da destruição, atraindo-o incessantemente ao amor original, enquanto os responsáveis da nação teimam em fugir do caminho de seus mandamentos, impondo opressão, idolatria e tendo como resultado a escravidão e a desolação.

A cada perícopo desvela-se mais claramente o rosto do Senhor: é um Deus diferente, que não oprime, não assusta, não explora. Pelo contrário, diferentemente de outros deuses pagãos que exigem sacrifícios de seus adoradores e vítimas humanas (Jr 19,4-5; 2Rs 21,6), o Deus de Israel apresentado por Jeremias se levanta para enviar um jovem sacerdote, investindo-o da profecia, do dom de anunciar e denunciar, plantar e arrancar, construir e destruir (Jr 1,10); de um lado avisando sobre o perigo iminente, exortando à conversão, mas depois, consolando na aflição, vaticinando um novo tempo, uma era de restauração e consolação, conforme especialmente o capítulo 31 de Jeremias, ora estudado.

O relacionamento que Deus quer estabelecer e que o profeta vai desvendando aos olhos do povo é comparável ao de um marido com sua mulher. “Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo!” (Jr 31,1). Essa possessão mútua, muito além de um poder de possuir como propriedade, é uma relação amorosa, como no casamento, em que os dois já não são donos de si, mas vivem uma entrega mútua, profunda e total, no amor, ou um amor paterno-maternal de extremoso cuidado.

Para isso, um novo modo de adorar Deus é anunciado e deve urgentemente ser plantado, sob o risco de Israel ser extirpado até a raiz. Deus ama com amor eterno (Jr 31,3), e mesmo que um resto apenas sobre ele será capaz de ainda fazer Israel voltar a sorrir alegremente como jovem coberta de joias, bailando ao som de pandeiros, ante a visita do esposo, anunciado aos gritos jubilosos nas serras de Efraim (Jr 31,4-6).

A perícopo que aqui será estudada se situa justamente na sessão intitulada por muitos como oráculos de consolação (Kepler, p. 130) ou de restauração (Peterlevitz, 2014, p. 14) e são os capítulos 30 a 33 do livro de Jeremias, escritos provavelmente entre 627-622 a.C. O tema da restauração surge no livro de Jeremias, como uma resposta divina diante da destruição de Jerusalém e da deportação do povo para a Babilônia, bem como da dura opressão que viveu por

algumas décadas sob o povo caldeu. De fato, no ano de 586 a.C. desencadeou-se sobre o Reino de Judá, a exemplo de povos circunvizinhos, a crueldade dominadora do Império babilônico, devastando a terra, espoliando, matando e subjugando seus habitantes (Shökel; Sicre Diaz, 1988, p. 579). O profeta Jeremias, que já alertara para esse tremendo perigo, aqui se levanta com um anúncio de esperança: Deus, que no passado, ouviu o clamor do seu povo no Egito (Ex 3,7-8), não vai abandonar seu povo e sua aliança; pelo contrário, vai realizar algo novo, vai libertar o povo da opressão babilônica, reconduzi-lo à sua terra para viver a fraternidade nova, num laço de aliança com o Senhor que se espelha no amor esponsal. Dessa transformação, chamada de “oráculos de restauração” (Peterlevitz, 2014, p. 14) se ocupa os capítulos 30-33 de Jeremias (Rossi, 2006, p. 37-40). Para Peterlevitz (2014, p. 69), os capítulos 30-31 formam um conjunto à parte no livro de Jeremias, ou seja, um outro bloco dentro da seção da “restauração” composto de “um conjunto de pequenos textos literários” (Peterlevitz, 2014, p. 70) contendo ainda outras subunidades. “Assim, Jeremias 30-31 é um livro e passou a ser designado pelos pesquisadores como ‘Livro da Consolação’” (Peterlevitz, 2014, p. 70).

O presente estudo visa aproximar-se do tema da restauração, sobretudo contemplando Jeremias 31,1-9, para perceber a situação de sofrimento do povo, o anúncio profético de esperança, que Jeremias faz em nome de Deus, com a proposta e promessa de uma novidade de vida num tempo novo. Deus não quer apenas reconduzir seu povo de volta à sua terra e implantar de volta o culto. Nesta pesquisa se perceberá que há realmente uma novidade. Especialmente Brueggemann (2007, p. 124-125) mostrará que os verbos “construir e plantar”, sinalizam não apenas um retorno à terra, mas também uma restauração política e econômica, com a proposta de uma vida comunitária, uma nova forma de conviver, no respeito, na justiça e na solidariedade.

## **1 A PROFECIA DE JEREMIAS E O TEMA DA RESTAURAÇÃO NO CAPÍTULO 31**

Mais do que em outros livros, pode-se perceber uma nítida diferenciação entre o profeta Jeremias e seu livro, a começar pela introdução em terceira pessoa. “Palavras de Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anatot, na terra de Benjamim. A palavra do Senhor veio a ele (’ēlāyw) no décimo terceiro ano do reinado de Josias” (Jr 1, 1-2) (Kepler, 2019, p. 25). O profeta é apresentado na sua origem pelo próprio livro. Jeremias nasceu em Anatot, um lugarejo próximo a Jerusalém, por volta de 645 a.C. Anatot era um enclave benjaminita, e isso indica uma ligação com o Reino do Norte, insubordinado com a dinastia davídica e com uma religiosidade crítica à centralização do culto no templo em Jerusalém.

A atividade profética de Jeremias foi extensa, abrangendo vários reinados, desde o piedoso Josias, passando por Joacaz, Joaquim, Joaquin até o governo do Sedecias, que, rebelando-se contra Nabucodonosor, rei da Babilônia, foi derrotado, com Jerusalém e o templo destruídos, com a elite do povo sendo massacrada ou deportada (586 a.C.). O profeta teve sua

## **O amor de Deus pelo seu povo nas profecias de Jeremias**

vida poupada pelo rei caldeu e escolheu ficar com seu povo. Com as novas rebeliões, os chefes dos remanescentes forçaram o profeta a segui-los para o Egito, onde encerrou seus dias.

Segundo Shökel e Sicre Diaz (1988, p. 579), o capítulo 31 de Jeremias é um dos capítulos mais importantes de todo o livro do profeta, o cume da mensagem da esperança. Mas é também o que apresenta enigmas particulares. Estudos comparativos ajudam a perceber o princípio da composição que unifica grande parte do capítulo. Analisando a composição de conjunto, como um movimento, percebe-se o Senhor se dirigindo “aos ‘sobrevivente de Israel’ com mensagem de esperança, através da promessa de novo êxodo e peregrinação a Sião, com a inauguração da era da alegria e de bem-estar” (Shökel; Sicre Diaz, 1988, p. 579). Mas temos também sua mensagem dirigida a outros povos (Jr 31,7.10-14).

Ao ouvir a mensagem, o povo desconfia por razões diversas: experiências de exílio, de morte, de pecado. A figura do povo que chora seus membros é comparada à da matriarca Raquel. Se o povo apresenta suas objeções para não alimentar a esperança, Deus responde com argumento supremo: o seu amor. Reafirma sua promessa de fecundidade (Jr 31,15-17.18-20.21-22). Surge uma tríplice promessa crescente de: fecundidade (Jr 31,27-28), responsabilidade pessoal (Jr 31,29-30), nova aliança (Jr 31,31-34). E o Senhor o faz com juramento duplo relacionado à natureza (Jr 31,35-37).

Agora, o povo esmagado pela deportação, e subjugado pela escravidão babilônica, encontra nas profecias de Jeremias a certeza de que, não apenas Deus não os abandonou, mas se coloca a seu favor como seu libertador. E o profeta vai anunciar o que move a ação divina de restauração: seu grande amor, que não é cancelado pelas fraquezas do povo, mas, que pelo contrário, se expressa cada vez mais criativo.

## **2 JEREMIAS 31,1-9: O SENHOR QUER RESTAURAR NA FRATERNIDADE O POVO SUBJUGADO**

“Naquele tempo – oráculo do Senhor – serei o Deus de todas as tribos de Israel e elas serão meu povo” (Jr 31,1). Para Fischer, aqui se verifica a repetição da fórmula da aliança, que confirma o vínculo com Deus, prometida agora a todos os clãs familiares, e não apenas a uma comunidade. (Fischer, 1996, p. 198).

Segundo Luis Alonso Shökel, no comentário da Bíblia do Peregrino (2006, p. 1922), “pela introdução temporal e pela fórmula de aliança” trata-se de uma apresentação e, ao mencionar “todas as tribos”, trata-se de uma “expressão enfática pois o Reino do Norte incluía dez tribos (cf. 1Rs 1,30-32)”. Ao referir-se ao Deus de Israel, o profeta está ensinando que o Senhor não é monopólio, mas que todas as tribos estão na órbita de sua escolha.

“Assim diz o Senhor: o povo que escapou da espada alcançou favor no deserto; Israel caminha para o seu descanso” (Jr 31,2). Surge a alusão a um novo êxodo: antes da restauração o povo precisa passar pela experiência fundacional do êxodo, como experiência de libertação. Também em Deuteronômio 8 e Oséias 2,16 o deserto é lugar dessa experiência, onde a sede

mortal fará experimentar a necessidade vital da água como expressão do cuidado paternal de Deus. “Por ter considerado a Deus como deserto (2,31), ele tornou-se um deserto (3,2); agora passa de novo pela situação do deserto (2,2.6), onde Deus se lhe revela” (Shökel; Sicre Diaz, 1988, p. 581).

Brueggemann (2007, p. 124) aponta para a composição antitética – graça e deserto: o deserto como lugar sem vida e assim sem esperança; a graça como o favor de Deus que devolve a esperança. Para Fischer (1996, p. 198), a expressão “o povo que escapou da espada” designa os sobreviventes da catástrofe de 587 a.C. Após haver experimentado as funestas consequências das maldições de Deuteronômio 28,65, agora experimenta a alegria da reconvocação. Antes, após a dura peregrinação pelo deserto, chegara ao cumprimento da promessa do Senhor tomando posse de Canaã; agora essa saga se tornará um paradigma alvissareiro: Deus misericordioso agirá com Israel com mão libertadora, fazendo-o experimentar novamente um lugar de descanso.

“O Senhor lhe apareceu de longe. Com amor eterno te amei, por isso prolonguei minha lealdade” (Jr 31,3). O povo que se distanciou do Senhor, agora é atraído pela sua presença que se manifesta como promessa de restauração e consolação. Na base dessa experiência está o amor eterno de Deus, no meio de tamanha adversidade o povo, no deserto, alcança a graça. Esse amor persiste, não obstante a infidelidade do povo, uma lealdade que se manifesta especialmente em tempo oportuno. E se Deus se manifesta de longe, é porque o povo se distanciou dele, mas agora o Senhor o atrai amorosamente (Shökel; Sicre Diaz, 1988, p. 581). Para Brueggemann (2007, p. 124), essa afirmação solene demonstra que o exílio do povo não significa que Deus deixou de amá-lo, não seria uma rejeição de seu povo; o Senhor será sempre fiel e leal a seu amor.

“Eu te reconstruirei e ficarás construída, capital de Israel; de novo sairás ornada de joias bailando com pandeiros em círculos” (Jr 31,4). A construção material da capital representa a reconstrução de todo o povo. Segundo Fischer (1996, p. 198), essa referência a uma pessoa ornada de joias e bailando (v. 4) está em conformidade com o feminino (v. 3); essa personagem recebe o título de virgem de Israel, pela graça de Deus que converte a adúltera novamente em uma virgem (Jr 3,1-11; 4,30). Tudo acontece em ritmo de festa, de tal forma que se poderia dizer que os verbos construir, lavrar (v. 5) e bailar (v. 4) levam a uma imagem matrimonial, em que Deus está amando a donzela, o seu povo.

“De novo plantarás vinhas nos montes da Samaria, e os que as plantam as colherão” (Jr 31,5). Importante perceber aqui como “os dois verbos positivos da vocação, construir e plantar (1,10) são oferecidos como presente aos sobreviventes” (Shökel; Sicre Diaz, 1988, p. 581). Plantar a vinha representa toda a atividade agrícola que se restabelece, além de uma alusão ao povo como “vinha do Senhor” (Is 5,1-6; Jr 12,10; Sl 80). Brueggemann (2007, p. 124-125) comenta que ao usar os verbos construir e plantar, a profecia está indicando também uma

restauração política e econômica, com uma verdadeira vida comunitária. É o amor sempre fiel e persistente que faz nascer a esperança, fazendo surgir um novo.

“‘É dia!’, gritarão as sentinelas na serra de Efraim. ‘De pé, para Sião para visitar o Senhor nosso Deus’” (Jr 31,6). Segundo Shökel e Sicre Diaz (1988, p. 581-582), há aqui uma acentuação sobre a romaria, a peregrinação, que encobre o tema do deserto. Poderia tratar-se da romaria da Festa das Tendões, quando o povo revivia ritualmente a experiência do deserto, habitando em cabanas. Uma peregrinação que conduz a Sião, onde habita Deus, ou seja, o centro espiritual do povo de Deus. As sentinelas acordam com um grito matutino para despertar o povo bem cedo, para sua peregrinação em uma viagem longa por caminhos de subida (de Samaria a Jerusalém). O grito das sentinelas, ao contrário de um perigo, será uma convocação para o culto solene em Sião; todos retornam para aquele de quem procede toda a bênção, que é o Deus único (Fischer, 1996, p. 200).

“Assim diz o Senhor: gritai jubilosos por Jacó regozijai-vos pelo primeiro dos povos. Apregoai, louvai e dizei: o Senhor salvou seu povo, o resto de Israel” (Jr 31,7). Deus agora estaria dirigindo-se a Judá: “o irmão que permaneceu em casa deve se regozijar pela volta do irmão pródigo” (Shökel; Sicre Diaz, 1988, p. 582). Não são gentios, mas verdadeiro povo de Deus, entoando o hino da volta dos exilados como em Isaías 52,8s. Brueggemann (2007, p. 125) faz entrever os remanescentes (resto) que o Senhor trará de volta para a restauração futura da comunidade de Israel. Chama a atenção, segundo Fischer (1996, p. 205), que por cinco vezes aparece no verso 7 o convite para o júbilo, e se destina a todo o povo.

“Eu vos trarei do país do Norte, eu vou reunirei nos rincões do mundo, que grande multidão retorna; entre eles há cegos e coxos, grávidas e as que deram à luz” (Jr 31,8). A profecia está se referindo à realidade do exílio dos israelitas, espalhados pelos territórios da Assíria, e a esperança em seu retorno com a queda de Nínive, em 611, no esquema do êxodo: “no exílio são reunidos, conduzidos pelo deserto e levados para a pátria” (Shökel; Sicre Diaz, 1988, p. 582). Gravidez e parto sintetizam a dor e a fecundidade, numa misteriosa relação com a nova criação, com um traço de grande alegria, e numa estranha procissão de cegos, coxos, grávidas e paridas (Lacy, 1993, p. 169). Fischer (1996, p. 206), por sua vez, faz perceber como tais pessoas por si mesmas seriam incapazes de fazer este caminho de retorno: o caminho foi facilitado por seu condutor (v. 9).

“Se partiram chorando, os conduzirei entre consolos, os guiarei a torrentes, por caminho plano e sem tropeços. Serei um pai para Israel, Efraim será meu primogênito” (Jr 31,9). Neste versículo, a imagem é mais paternal. Segundo Shökel e Sicre Diaz (1988, p. 582), “Jeremias introduz uma correção (ou apresenta uma variante): em lugar de Israel, ele lê Efraim”. Seria uma alusão à história de Manassés e Efraim (Gn 48,8-20), quando Jacó colocou Efraim antes de Manassés. Isso se torna uma lição para Judá, que não deve rejeitar seus irmãos do Norte, pois continuam filho primogênito de Deus. E não se dará mais o título de pai a um ídolo (Jr 2,27), mas a Deus, e com toda a sinceridade (Jr 3,4.19). Por sua vez, Fischer (1996, p. 205) faz notar



que se pode fazer aqui um paralelo com a marcha do povo de Deus pelo deserto durante 40 anos; agora todo o povo pode reconhecer em Deus o seu pai; e Efraim, o primogênito de Israel (Ex 4,22), representa toda a comunidade de Israel com uma nova e mais profunda proximidade entre Deus e seu povo.

### **3 A PROFECIA DE ESPERANÇA NUMA SOCIEDADE DESACREDITADA DO AMOR**

O livreto da consolação (Jr 30-33) anuncia, pois, que o Senhor reconduzirá os exilados para tomar novamente posse da terra dos antepassados. Amsler (1992, p. 236) comenta que “Jeremias gostava de jogar com o verbo ‘voltar’ e empregou em seus apelos ao Israel do Norte (31,16.17.21)”. Isso porque no tempo do governador Godolias houve um certo retorno de descendentes do povo de Israel, vindo dos países vizinhos (Jr 40,12). Mais tarde a expressão foi aplicada aos deportados da Babilônia, na época mais tardia da redação (Jr 31,8-9; e sem dúvida, Jr 30,10-11, paralelo de Jr 31,8.10; 32,37). “A reunião se aplica quando, omitida a menção de Babilônia, a todos os lugares pelos quais estão dispersos os filhos de Israel (29,14). Esse novo gesto de Deus pareceria quase suplantiar em grandeza o êxodo do Egito (16,4-15; 23,7-8)” (Amsler, 1992, p. 236).

No seio do livreto da consolação, a perícopes Jeremias 31,1-9 foi escrita inicialmente para alimentar a esperança de Israel e depois, de Judá. Temos aqui claramente a revelação do rosto de Deus: alguém que ama de verdade seu povo, colocando-se a seu favor, sobretudo pronto para levantar os caídos. Jeremias fez uma releitura de suas antigas profecias sobre a sorte do país do Norte, agora aplicando-as à dramática situação do Reino de Judá, quase quarenta anos depois. “As palavras Israel, Samaria e Efraim (31,1.2.4.5.6.9) ainda mostram que o oráculo de Jr 31,1-9, por exemplo, foi pronunciado inicialmente para o Reino do Norte” (Mesters, 1992, p. 110). Assim, o que foi escrito inicialmente para Israel, serve para animar a esperança de Judá, e o que foi para animar Judá, serve como espelho para animar a esperança nos dias de hoje. No momento mais escuro de sua história, uma situação de fundo do poço, Judá tem na profecia de Jeremias um voo acima, para vislumbrar uma obra nova de Deus, a partir de um profundo caos (Mesters, 1992, p. 111).

Nos dias atuais, esses versículos de Jeremias certamente servem de clara luz: os desafios que ora enfrentamos no cenário mundial, com tantas guerras, e outros tipos de violência, mesmo institucionalizada, não podem levar a perder a esperança. O Senhor é sempre potente no seu amor misericordioso: ele sabe fazer caminhos certos em linhas tortas. Quando as pessoas e o povo como um todo se abrem a seu convite de retorno, o Senhor tem a potência de transformar, e de encher desertos pessoais e comunitários de torrentes de água refrescante de vida nova. E ele sempre se mostrará como o Senhor da história, em meio aos percalços sociais, morais e religiosos.

Fischer (1996, p. 201) reflete que, geralmente, no final de uma guerra, a preocupação principal é com a catástrofe econômico-social que vem como consequência. Mas, nesse texto de Jeremias, o centro da atenção está voltado para a relação entre Deus e seu povo, com o Senhor insistindo, de sua parte, na força de sua aliança com o povo. O que garante a sobrevivência desse povo é tão somente a lealdade de um amor, nunca interrompido, antes, sempre fiel, de Deus para com seu povo, e é o que faz surgir uma vida nova. Essa certeza levará o povo a subir a montanha de Judá para adorar verdadeiramente o único Deus.

Quando hoje, a preocupação com as perdas materiais prevalece nas mentalidades, deixa-se de lado a busca de Deus como aquele único (Dt 6, 4-5) que pode dar vida ao povo por seu amor e guiar por caminhos de fraternidade. Ao passar por tribulações, o povo foi fazendo experiência de conversão para compreender e vivenciar a misericórdia divina. Pode-se perguntar sobre os efeitos dos sofrimentos, que embora sempre indesejáveis, se tornariam, como para o povo de Israel, lugar privilegiado para crescer na busca e no conhecimento de Deus, levando a redescobrir seu amor, sempre leal, e pela experiência da dor, descobrir a compaixão e desenvolver solidariedade com os outros sofredores.

A reflexão de Rossi (2017, p. 107) sobre o sofrimento do pobre no livro de Jó ajuda a aprofundar sobre o lugar social de Deus na sociedade, quando se tem a impressão de que quem opta por Deus e sua justiça ocupa o lugar de derrotados. Citando Kitamori, Rossi afirma que “Deus foi sacudido, ferido e sofreu por ter abraçado os que não deveriam ser abraçados” (Rossi, 2017, p. 107). E conclui que “um Deus que sofre é o único que pode abraçar as vítimas da história com solidariedade” (Rossi, 2017, p. 107). Deus não é o espírito absoluto e imperturbável de Hegel, que não pode ser atingido pela dor e muito menos chorar. Pois “um Deus que não pode sofrer, também não pode amar, é um Deus sem amor” (Rossi, 2017, p. 108). A experiência do homem bíblico, tal como se pode perceber, por exemplo, no Salmo 22, é de que quando se passa pela dor e pela desventura, enfrentando situações desumanas, sabe-se poder contar com Deus, pois este “quer a justiça e que ele o proteja e escuta” (Rossi, 2017, p. 109). A pergunta: quem é Deus tem respostas desde o início da saga do povo, especialmente a partir do Êxodo. Aquele que vem ao encontro dos seus preferidos, os oprimidos, assim se revela: ouvi o seu clamor, vi sua aflição e desci para libertá-lo de seus sofrimentos, para livrá-lo da mão dos egípcios (Ex 3,7-8). E se ele sofre com a dor dos seus prediletos, os mais sofredores, também exulta no canto de Maria após a passagem do Mar Vermelho: “cantarei ao Senhor, porque Ele manifestou a sua glória [...] O Senhor é minha força, ele é o meu canto [...] Conduzistes com bondade este povo que libertastes” (Ex 14,1-2.13). O Deus que sofre com o ferido e oprimido e se alegra com sua cura e libertação torna-se o verdadeiro mestre para a atitude de solidariedade. Pois, “Javé que quer se comunicar com o objetivo de libertação” e se apresenta tão “simpático ao ser humano oprimido” (Rossi, 2017, p. 113) leva as pessoas a novas atitudes, começando até com uma nova e autêntica teologia. Uma “teologia que surge como uma luta contra os males



que ameaçam nossa vida. Libertar da brutalidade e da pobreza deveria ser e permanecer o tema de todo discurso e prática teológica” (Rossi, 2017, p. 128).

Tal amor de Deus – “com amor eterno eu te amei” (Jr 31,3), é biblicamente o *hesed* (Cevallos; Zorzoli, 2010, p. 198): aquele pacto amoroso de lealdade que o Senhor fez com seu povo, do qual ele nunca se desfaz, nunca volta atrás, apesar de tantas rejeições por parte do povo ao longo da história. É um amor que não tem fim, mesmo quando abandonado pelo ente amado. Em Oséias 11,1-11 nós temos um paralelo ampliado de como se movimenta esse amor carinhoso e fiel, que não se guia por parâmetros do sentimentalismo humano, porque sendo santo, esse amor é diferente da lógica humana, tem um pensar e um agir próprio de Deus, superando a humana limitação no julgar a realidade e no interagir com os demais.

Para além de ameaças de castigos, esta é a nota básica do amor de Deus: do seu coração brota sempre uma oportunidade nova para seu povo amado. E não é só oportunidade nova, é uma tal renovação do povo, que apesar de às vezes ter este sido designado como uma mulher “adúltera” e “apóstata” (sobretudo em quase todo o capítulo 3), agora é tornado a “virgem” de Israel, alegre e dançante de felicidade. Um dia novo surge, tudo como expressão do amor eterno e sempre criativo do Senhor pelo seu povo (Cevallos; Zorzoli, 2010, p. 198).

O afastamento do verdadeiro culto a Deus, a opressão social, a exploração econômica, a religião a serviço de classes dominantes, a corrupção dos chefes, a decadência moral e religiosa em geral, não são, infelizmente, realidades apenas do passado da história de Israel. É um fenômeno ainda onipresente no mundo, mesmo em muitas nações que ainda se dizem cristãs. Urge se reencontre a força transformadora na atualidade da Palavra de Deus. O profeta escrevia para denunciar os males de seu tempo. Hoje, não se deve omitir de pregar contra as maldades que se cometem contra os frágeis dentre o povo de Deus, que em última análise, é contra o próprio Senhor (Mt 25,31-46). Entretanto, profecia não é só denúncia, pois, se se detivesse neste aspecto, levaria a um cansaço e a um desânimo generalizado. Como outrora o profeta Elias no alto do Carmelo, ao clamar confiantemente ao Senhor, identificou numa minúscula nuvem o sinal verificador de uma chuva torrencial e renovadora para todo o árido Israel (1Rs 18), a profecia de restauração de Jeremias exerce essa mesma missão de infundir coragem e ânimo. Após ajudar o povo a perceber que suas vicissitudes estavam relacionadas ao distanciamento da prática da vontade do Senhor, o tesbita surge com um alegre anúncio.

O anúncio de um novo tempo, de uma nova comunidade, que se inicia numa peregrinação exultante, enraizada numa terra renovada, numa nova compreensão de povo da aliança, que se solidifica em novas construções e novo manejo da terra repartida entre irmãos de um único povo, tudo isso é fruto da vontade benigna do Deus de Israel. Tal vontade benigna, a irrevogável decisão de continuar do lado do povo, essa criatividade surpreendente, que as promessas do profeta expressam têm uma única razão: o amor zeloso, ciumento, de Deus pela sua herança, o seu povo. Deus é fiel a seu *hesed*, à sua lealdade, nunca volta atrás, apesar de tantas rejeições por parte do povo. Do seu coração brota sempre uma oportunidade nova para

## **O amor de Deus pelo seu povo nas profecias de Jeremias**

seu povo amado. Um dia novo surge, como expressão do seu amor pelo seu povo, porque esse é seu modo de ser, viver e amar: “com amor eterno eu te amei!” (31,3). O termo “eterno”: em relação ao passado, ao presente e ao futuro, algo de que o amor humano não é capaz, pois marcado pela finitude. Trata-se de um amor bem concreto: o amante realiza obras de salvação e libertação; não é um valor líquido, como muitas vezes se apresenta na nossa atual sociedade. Deus vai garantir um novo futuro para Israel (como se vê no verso 5: ainda plantarão e colherão).

Fischer (1996, p. 201) reflete que o que garante a sobrevivência desse povo é tão somente a lealdade de um amor, nunca interrompido, antes, sempre fiel, de Deus para com seu povo, e é o que faz surgir uma vida nova. Mesters (1992, p. 89) comenta que o conhecimento que o povo tem de Deus nasce da experiência do perdão dado a todos; uma vez experimentado esse amor, voltará a ele de todo o coração, como se fosse um casamento refeito. A esse amor de Deus sempre fiel o povo busca corresponder com a aceitação de sua lei no coração, uma obra não surgida apenas do esforço humano, mas pela ação da graça, conforme Jeremias 31,33: “um equilíbrio perfeito entre a gratuidade do amor e a observância da lei” (Mesters, 1992, p. 90).

O afastamento do verdadeiro culto a Deus, a opressão social, política, econômica e até religiosa estão, infelizmente, ainda onipresentes no mundo. Então, a atualidade da palavra de Deus: pregar contra as maldades que se cometem contra Deus e contra seu povo. Além da denúncia na profecia, temos também o anúncio de um novo tempo, de uma nova comunidade, que se inicia numa peregrinação exultante, fruto de uma vontade benigna, irrevogável, com criatividade surpreendente têm uma única razão: o amor excessivo de Deus pelo seu povo.

Como o profeta Jeremias, não devemos perder a esperança. Muito pelo contrário, Deus hoje nos quer anunciadores da esperança, num mundo marcado pela exploração, pela indiferença, pelo egoísmo. O seu amor quer criar uma nova oportunidade e conta conosco para também arrancar e plantar, destruir e construir (Jr 1,10), como partícipes diretos de sua obra nova no mundo, de seu reino de fraternidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O profeta Jeremias viveu num ambiente complexo e enfrentou situações dramáticas, compartilhando a vida do seu povo sofrido e oprimido pelo poderoso Império babilônico. Se, inicialmente, sua missão foi a de alertar o povo para as peripécias que estavam por sobrevir, depois, convivendo com a dura opressão e perseguição, não se deixa levar pela falta de esperança, muito menos pelo desespero. Seu alicerce é a Palavra de Deus, a promessa de um amor fiel que é leal ao povo amado.

O presente artigo nos ajuda a perceber o quanto a Palavra de Deus tem atualidade para nosso mundo. Vivemos momentos de desalento, de inúmeras e sempre mais abrangentes guerras, de destruição. É doloroso perceber o quanto milhões de seres humanos padecem pelo afastamento do amor; tantas mortes acontecem porque alguns mais fortes querem subjugar a

qualquer custo os mais fracos, que são a maioria. Como nos tempos de Jeremias, a primeira impressão que se tem é que não há mais esperança, que o mundo caminha para o pior, uma humanidade abandonada à própria sorte, deslizando para o completo caos.

Quando tomamos, entretanto, o livro de Jeremias, e percebemos a saga do povo de Deus, as perseguições que sofreu, a opressão que experimentou e o anúncio que o Senhor faz pela boca de seu profeta, percebemos que assim como aconteceu com o povo de Judá, nós também podemos experimentar em nossa época a restauração. Deus não quer apenas que os cacos da história sejam rejuntados, mas quer criar uma obra nova. Tal obra nova é graça e responsabilidade: o Senhor abre os caminhos da história, mas o povo precisa responder com atitudes de volta, de retorno e sobretudo de conversão.

Também em nossos tempos de crescimento do totalitarismo, proliferação de guerras, destruição da natureza, concentração de riquezas em cima da exploração dos mais pobres, consumismo que anestesie, absorção do pensamento e da reflexão pelo mundo digital Deus quer realizar uma obra nova. Mas como nos tempos de Jeremias, ele age com a graça que clama pela nossa responsabilidade. O Reino de Deus está no meio de nós, mas ele precisa encontrar corações despertos, vigilantes e cheios de esperança. Sobretudo o reino requer atitudes concretas, pessoais, comunitárias e sociais que parem de “arrancar e destruir” (Jr 1, 10) e comecem a “plantar e a construir” (Jr 31, 28).

Por outro lado, a experiência de opressão e exploração no país babilônio pode ser o momento de rever algumas atitudes não desejáveis também no próprio povo eleito. Assim como nos tempos de Jeremias, o Senhor convidava para um retorno ao país de origem não apenas para uma simples continuidade, hoje Deus quer contar conosco para sua profecia. É tempo de denunciar as bases falsas das sociedades consumistas, nacionalistas, colonizadoras e opressoras de nossa época que têm sido causa de tanta exclusão, injustiça, fome e morte. Jeremias muito nos ajuda a profetizar a esperança de um mundo novo, cuja base é o Reino de Deus, reino de justiça, de paz, de fraternidade, de um amor que supera o ódio, o desejo de vingança e destruição. Se Deus nos ama com amor eterno, espera que seu povo hoje experimente esse amor, e que não sejamos apenas objeto de amor, mas sujeitos e protagonistas desse amor, colaborando para a construção de uma nova sociedade onde reine a ética, a justiça e a solidariedade, como expressão concreta em atitudes do amor revelado na palavra divina.

Uma bela chamada de atenção para a atualidade dessa revelação é também a inclusão de novos membros no povo de Deus: “que grande multidão retorna; entre eles há cegos e coxos, grávidas e as que deram à luz” (Jr 31,8). Quando sabemos que a antiga lei excluía vários tipos de pessoas da assembleia de Israel (Lv 21,17-23; Dt 23,1-8), nesse alegre retorno do povo, de volta do exílio, uma nova comunidade se levanta. Se gravidez e parto sintetizam a dor e a fecundidade, numa misteriosa relação com a nova criação, com um traço de grande alegria, há aqui a novidade de uma surpreendente procissão de cegos, coxos, grávidas e paridas. No plano de restauração do povo de Deus, não há apenas reconstrução, mas também uma purificação e

## O amor de Deus pelo seu povo nas profecias de Jeremias

um amadurecimento. Aqueles que antes não contavam na assembleia religiosa agora dão o tom do retorno. Quando percebemos o assustador crescimento da xenofobia, da discriminação por raça, língua, cor, religião, identidade, Jeremias é um profeta para nossos tempos: se queremos a renovação da sociedade e do mundo, temos que começar incluindo os que são considerados fora, *outsiders*, os sem voz e sem vez, aqueles que parecem incomodar as elites de uma sociedade opulenta. No mundo novo sonhado por Deus, seu amor inclui a todos, ele que olha por todos, mas cuja atenção se volta privilegiadamente para o pobrezinho que treme ao ouvir sua Palavra (Sl 86,1). Agora, ele nos ensina, por sua vez, que tapar o ouvido à voz do pobrezinho é tapar o ouvido de Deus à própria súplica (Pr 21,13). Pois quem recebe amor e misericórdia em forma de libertação, vai aprender a distribuir amor e compaixão (Dt 24,17).

Por fim, Jeremias 31,1-9 é profecia de esperança. Quando nos vemos cercados de falsas e astuciosas promessas de um lado e a cultura da indiferença e do descrédito generalizado por outro, o profeta clama para a confiança em Javé. A memória de seu amor sempre fiel na história sustenta a chama da confiança naquele que pode libertar do poderoso Egito um minguado grupo de escravos. Ele fez maravilhas e ele continuará sendo Senhor da história, a tal ponto que pode parecer mesmo um sonho, mas a semeadura com lágrimas terá frutos de alegria (Sl 126). Talvez estejamos enfrentando uma grave crise de esperança, especialmente quando aumentam as polarizações ideológicas e as guerras, mas também com o eclodir de uma inércia generalizada que permite enxergar apenas o aqui e agora. A esperança profética aqui em Jeremias se faz através de um caminho. Como se volta da Babilônia pela via do retorno, também a nova construção do povo exige um jeito diferente de seguir: caminhar sempre em frente, como povo novo que acolhe a todos e que deseja envidar pelos passos propostos pela Palavra de Deus. Também se atravessa o deserto, mas a meta é a pátria que o Senhor preparou, e essa certeza alimenta a esperança e a vontade de seguir além.

Ouvir, hoje, o Senhor gritar pelos seus profetas: “eu te reconstruirei e ficarás construída [...] de novo sairás ornada de joias, bailando com pandeiros em círculos” (Jr 31,4) não somente nutre a esperança, quanto faz crescer a certeza da chegada um tempo quando a festa vai voltar a fazer parte da história. Ao invés de uma euforia artificial vendida pela sociedade de consumo, a alegria de ser povo, povo fraterno, povo de Deus: eu serei o teu Deus e tu serás o meu povo (Jr 31,1). ✨

## REFERÊNCIAS

AMSLER, Samuel. **Os profetas e os livros proféticos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2006.

BRUEGGEMANN, Walter. **The theology of the book of Jeremiah**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CEVALLOS, Juan Carlos; ZORZOLI, Rubén O. **Comentario bíblico mundo hispano: Jeremías y Lamentaciones**. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 2010. v. 11.

**Caminhos de Diálogo**, Curitiba, ano 13, n. 23, p. 306-318, jul./dez. 2025

ISSN 2595-8208 317

FISCHER, Georg. **Guía espiritual del Antiguo Testamento: el libro de Jeremías**. Madrid: Ciudad Nueva, 1996.

KEPLER, Karl Heinz. **A nova aliança em tempos de juízo: uma visão aplicada da mensagem de Jeremias**. São Leopoldo: EST, 2019.

LACY, José María Abrego de. **Los libros proféticos**. Estella: Editorial Verbo Divino, 1993.

MESTERS, Carlos. **O profeta Jeremias**. Boca de Deus, boca do povo: uma introdução à leitura do profeta Jeremias. São Paulo: Paulinas, 1992.

PETERLEVITZ, Luciano Robson. **Eis que livrarei da prisão o meu povo Israel e Judá: as palavras de salvação em Jeremias 30-31 como projeto de retribalização**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2014.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **A origem do sofrimento do pobre: teologia e antiteologia no livro de Jó**. São Paulo: Paulus, 2017.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. Proposta de renovação da aliança em Jr 31,31-34: “nós ainda estamos no exílio”. **Estudos Bíblicos**, São Paulo, v. 24, n. 90, p. 35–41, 2006. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/653>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SHÖKEL, Luis Alonso; SICRE DIAZ, José Luis. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. São Paulo: Paulinas, 1988.

Recebido em: 26/02/2024.

Aceito em: 01/09/2025.